

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la
República Argentina
“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”

Narrativas de populações fronteiriças: sentimentos e ressentimentos

Célia Lucena*
CERU/USP/Brasil

1. Construindo a pesquisa

Com objetivo de contextualizar o lugar da investigação, vou apresentar as localidades deste estudo, cujo enfoque é perceber as redes de relações entre as populações da tríplice fronteira: Brasil, Peru e Bolívia, compreender como os movimentos se instalam em uma região eleita como “promissora” e o surgimento de novas fronteiras culturais entre velhos e novos moradores. Assim, muitos se deslocam de lugares distintos e distantes, com intuito de encontrar na fronteira espaço para montar um negócio e recomeçar a vida. As novas expectativas foram instaladas a partir de 1990, com a construção da Rodovia Transoceânica (Rodovia do Pacífico) que faz a ligação entre a cidade de Rio Branco (Acre) e o Pacífico. Para discutir a movimentação populacional na área vale lembrar que a história do Estado do Acre foi constituída por camadas migratórias. Em meados do século XX um número grande de nordestinos, predominantemente do Ceará e do Rio Grande do Norte, se transferiu para a região com o compromisso de extrair seringa. Por volta de 1970 e 1980 se transfere do centro-sul para o Acre inúmeros aventureiros com o objetivo de adquirir enormes quantidades de terra por preços atraentes.

A fronteira nos induz a pensar em passagem, contatos, intercâmbios, barreiras e confrontos. O movimento populacional na fronteira apresenta singularidades em relação às imigrações internacionais de longa distância e às

* Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo/Brasil. Proyecto Poblaciones amazónicas fronterizas ante el proceso de integración trinacional: relaciones étnicas, nacionales, conflictos sócio-ambientales en la frontera de Brasil/Peru/ Bolívia. Projeto integrado entre as universidades [UPO: *Sevilha/Espanha*; CERU-USP, PUC-SP, UFAC: *Brasil*; UNSA: *Cusco/Peru*], realizado nos anos de 2007 e 2008, com auxílio concedido pela AECEI.

migrações em contextos nacionais do interior para as regiões metropolitanas. Assim, entendo por movimento populacional fronteiriço os deslocamentos nos limites entre países de fronteira e a mobilização de novos habitantes para a respectiva região. Esse movimento migratório está concentrado no eixo sul-sul.

O que caracteriza o território culturalmente é a unidade simbólica do universo amazônico. As três localidades situadas na área fronteiriça sofreram um crescimento nos anos 1990. A partir de então, se deslocou uma população boliviana para Bolpebra, uma nova população do Peru em sua maioria proveniente da região andina: Cusco, Puno, Kuliaca e Huancayo, se transferiu para Iñapari. Assis Brasil¹ que havia sido emancipado como município em 1976, a partir da década de 1990 apresenta grandes mudanças em sua fisionomia, demonstrando um notável crescimento comercial e financeiro para atender a chegada de novas populações, o que vem provocando o surgimento de novas dinâmicas.

A fronteira avança para os domínios de uma construção simbólica de pertencimento que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença. Os grupos fronteiriços re-inventam suas práticas com base em conteúdos transmitidos que impõem as dinâmicas de pertencimento baseadas nos referentes local, regional e nacional.

Para entender as redes de relações e o movimento populacional lancei mão de entrevistas com moradores das localidades de Assis Brasil e Iñapari para conferir por meio de suas experiências vividas e de suas subjetividades como se estabelecem as relações políticas e sociais, como as práticas culturais são intercambiadas, onde as compras do dia-a-dia são realizadas, a influência da culinária entre os dois países, os laços de sociabilidades, os sentimentos (de pertencimento e de solidariedade), as relações afetivas, os casamentos entre pessoas do Brasil-Peru.

Nesse sentido, a fronteira é um marco que limita, que separa, que agrega e aponta sentidos socializados de reconhecimento. O princípio de reconhecimento envolve analogias, oposições e correspondências de igualdade, em um jogo permanente de interpretações e conexões variadas

¹ Assis Brasil, município situado em território fronteiriço (Acre/Brasil), lugar do antigo Seringal Paraguaçu. Iñapari é capital da província de Tahuamanu, situada na região de Madre de Diós (Peru). Bolpebra está situada na Região de Pando (Bolívia).

(Pesavento, 2002). A fronteira estimula a pensar em trânsitos, que diferem em situações ou épocas, as novas dimensões que a fronteira vai adquirindo leva à população pensá-la e construir suas representações em diferentes dimensões.

Para estudar as “fronteiras culturais” entre antigos e velhos moradores a cidade de Iñapari foi palco de investigação. Entrevistas temáticas sob a perspectiva de História Oral foram coletadas na cidade fronteiriça peruana. Por meio das narrativas de antigos e novos moradores foi possível detectar os sentimentos, ressentimentos e entender o estabelecimento de novas fronteiras no espaço de destino de uma população migrante e ainda, as estratégias utilizadas por eles com intuito de integração.

Fronteiras culturais remetem à vivência, às sociabilidades, aos sentimentos, aos valores, significados, comportamentos e idéias, apontam para a mistura, para troca e para novas percepções de mundo. Iñapari localidade peruana na região amazônica, situada na tríplice fronteira (Brasil/Peru/Bolívia), ficou isolada por muito tempo, hoje com a construção da Estrada do Pacífico e com o surgimento da ponte que faz a ligação entre Brasil e Peru, criou-se um imaginário de que a fronteira é um espaço propício para instalar um comércio, tendo em vista atingir com as vendas, não apenas os moradores locais, aos transeuntes e ainda alimentam a idéia de expandir as vendas aos vizinhos brasileiros. Pouco a pouco a pequena cidade sofre transformações, os novos protagonistas contribuem para a nova fisionomia que o lugar vem adquirindo.

Torna-se evidente ainda, o surgimento de novas inseguranças e de novas desigualdades decorrente da economia globalizada; a região fronteiriça passa a se constituir um lugar de encontro de estranhos e da instituição de territórios e fronteiras delimitadas por linhas ora permeáveis, ora intransponíveis, nem sempre visíveis e palpáveis, porém sentidas pelos moradores.

2. Fronteiras culturais entre nativos e “os de fora”

A idéia de que a fronteira é um lugar propício para ganhar dinheiro, mobilizou um número considerável de migrantes “serranos” e ainda, de aventureiros e de transeuntes para as localidades fronteiriças, movimento que vem provocando transformações e a perda da tranquilidade dos moradores.

Eso de la carretera nos da mucho miedo porque no va a haber tranquilidad, antes dormíamos tranquilo, ahora uno tiene que tener más cuidado y ahora es preciso pagar una persona para que vigile. Y aquí en la Colonia se está empezando a notar. Porque acá nada más que tenemos empresas, todo esto de acá. Hay jovencitos que se están dedicando a robar por la droga, no sé cuál sería su dificultad de ellos en su hogar, son niños y sus papás los apoyan (moradora de Iñapari, por volta de 50 anos de idade, entrevista realizada por Célia Lucena, julho de 2008).

A cidade fronteira Iñapari, embora com um número reduzido de moradores (2.000 habitantes) não escapa do estabelecimento de relações tecidas por diferentes indivíduos e grupos que se aproximam por necessidades, vizinhança, parentesco, todavia se sentem separados ou se separam a todo instante pela condição de nascidos nela ou fora dela, pelas divisões entre natos e migrantes, que abriga uma a gama de tensões e conflitos daí derivados, pelas incertezas e inseguranças que fazem parte das novas sociabilidades das cidades contemporâneas (Sassen, 1998).

O grupo considerado migrante, denominados “serranos”, desde que chegaram à cidade fronteira vem se dedicando ao comércio de roupas, de utilidades domésticas e a venda de legumes, de grãos e condimentos. Esta tarefa é realizada por pessoas provenientes de Cusco, Puno, Huancayo e Arequipa.

Alguns se dedicam a agricultura em colônias situadas nas proximidades de Iñapari. Os comerciantes se destacam pelo espírito empreendedor e pelo

desejo de se transformarem em grandes negociantes na fronteira tri-nacional, os que se dedicam a agricultura de modo geral almejam alguns hectares de terra para a agropecuária. Para tentar atingir seus objetivos se agregam em associações.

Os migrantes provenientes da serra foram chegando e vendendo a calle. Iniciaram *marreteando*, vendendo roupas, utensílios domésticos em Assis Brasil e redondezas. Faziam troca por galinha, porco, ovelhas. Conquistaram amizades do lado brasileiro nos anos de marretagem. Um comerciante revela: “o brasileiro é boa gente, não nos desprezam como os ñaparinós, los patricios são buena gente, trabalhei cinco a seis anos marreteando, cem por cento dos brasileiros consomem acá”.

Os primeiros migrantes alegaram que escolheram a fronteira como lugar para viver, pois o lugar é atraente, pouco comércio e muita tranquilidade, isso despertava expectativas de um lugar especial para montar um negócio. Enfrentaram grande discriminação pelos amazônicos, denominados *serranos* e caracterizados como pessoas diferentes. Vale dizer que a percepção do conflito se desenvolve quando surge um maior contato entre grupos sociais e quando isso ameaça as relações de poder intocáveis até o momento. Enquanto antes cada um estava em seu lugar, não havia as diferenças que existe agora, porém, com a chegada de novos grupos os amazônicos começam a questionar as hierarquias e, a partir da elite local, o preconceito e as discriminações aumentaram. Com a migração massiva das regiões rurais para as cidades o processo de *cholificación* recriou os elementos culturais andinos no marco de uma nova cultura popular².

Nas últimas décadas, as pessoas de procedência andina manifestaram uma clara tendência a assimilar-se à cultura dominante, abandonando as zonas rurais e deslocando-se prontamente às cidades, onde passaram a ocupar espaços populacionais marginais e, aos poucos foram deixando algumas

² Ver ZAVALA e ZARIQUIEY (2008: 303) sobre o mito da mestiçagem e sobre os paradoxos contidos nas discriminações entre peruanos, por conta de uma falta de autodefinição racial. “Mas esse é o paradoxo, para nós é simples definir o outro e colocar neles apelidos como sholo, serrano, já que a raça é um conceito que se constrói a partir de critérios sociais, culturais e geográficos”.

práticas culturais tradicionais, entre as quais se inclui o uso da língua (Zavala e Zariquiey, 2008: 300).

Com a chegada de um número maior de migrantes foram se fortalecendo e conquistou a realização do loteamento de terrenos lugar onde instalaram os quiosques comerciais. A venda dos terrenos foi realizada pela municipalidade e trinta e duas pessoas por meio de sorteio escolheram seus lotes, efetuaram a compra e construíram suas lojas comerciais.

O grupo migrante vem encontrando dificuldades em se integrar na pequena cidade amazônica. A migração produz conflitos, novas sociabilidades, novas identidades e ainda mudanças sociais e culturais. A inserção de novos costumes e de novas práticas resulta no surgimento de códigos e de emblemas de origem andina na pequena cidade que sofria até então forte influência brasileira. As transformações que ocorrem na fronteira peruana estão relacionadas aos modos de estar juntos, de recriar a cidade, das novas sensibilidades, das novas formas de identidade e de cidadania.

Comerciantes migrantes ampliam informações a respeito das fronteiras culturais entre serranos e amazônicos:

Em Iñapari havia preconceito há muito tempo atrás, não aceitavam os serranos, há dez anos atrás. Os serranos chegavam apanhar. O preconceito foi diminuindo. Diminuiu quando o número de serranos aumentou e eles se fortaleceram e começaram a impor seus costumes (...).

Os iñaparinos são peruanos, mas, tem sangue brasileiro. Os iñaparinos vivem vinculados ao Brasil. O racismo começa pela língua e pela cor da pele. Um aluno brasileiro se emborracha e começa a fazer

bagunça e os iñaparinós começam a repetir os costumes brasileiros. Gritam em la calle, imitam os brasileiros no comportamento e nos costumes. Entre los niños se pegam a golpes. Adolescentes de cor morena são insultadas, chamadas de serrana, negra, em escola de Iñapari. Os que têm dinheiro, los madereiros, são os mais racistas (comerciante de Iñapari, migrante, idade: 30 anos, entrevista cedida em julho de 2008, coletada por Célia Lucena).

Hoje a cidade apresenta novos bairros, com a venda de lotes para construir moradias, novos modos de vida e abriga um pequeno comércio com produtos oriundos do próprio Peru. O assentamento Virgen Del Rosario é um loteamento feito pela municipalidade, lugar em que a maioria de migrantes vive com documentação de posse de seu terreno e buscam se agregar por meio de uma associação.

Foi difícil o assentamento dos serranos, pois os natos daqui não queriam gente de fora. Queriam que as pessoas servissem a eles. Ameaçavam dizendo que iriam queimar a casa e a qualquer momento iriam mandar os muchachos para queimar seu negócio (migrante, proprietário de restaurante em Iñapari, idade: 48 anos, entrevista cedida em julho de 2008, coletada por Célia Lucena).

A cidade oferece hoje uma culinária que identifica a origem do morador, com pratos da selva e da serra. Existe hoje uma maior divulgação dos ritmos: huayno, cumbia e salsa. Os que vieram de sítios diferentes da região andina querem demonstrar aos vizinhos como podem preparar os pratos de seu lugar de origem e os produtos que utilizam e as músicas da serra. Existe uma demonstração da própria comida e aproveitam para divulgar e vender os temperos regionais.

Para os novos moradores a maior dificuldade na chegada foi a falta de ingredientes para fazer a comida da região de origem. Sobre essa questão uma nova moradora de Iñapari, comenta:

(...) ao chegar encontrei dificuldades com os costumes, a maneira de falar, de preparar comida, não havia ingredientes. Sou da região do Amazonas, a doze horas de Lima, lá os pratos são os mesmos, mas muito mais saborosos, porque os ingredientes são mais frescos (migrante da região do Amazonas, instalada em Iñapari, proprietária de restaurante, idade 30 anos. Entrevista cedida em julho de 2008, coletada por Célia Lucena)

Os “serranos” trataram de conseguir transportar da serra para Iñapari alguns produtos e condimentos básicos para elaborar sua culinária e para comercializar. Hoje os produtos chegam com mais rapidez, por exemplo, a minestra (grãos secos): alverjas verdes, pallar, lentejas, quinua, garbanso e trigo. As papas (batata), gengibre, tomates, cebola, alho e azeitonas pretas e os condimentos apio, sillau, açafraão e ajis (pimentas de diferentes cores e sabores). Usam muito cominho, coentro, perejil e poros.

Sobre a integração e a identidade do lugar um educador de Iñapari diz o seguinte:

Existe distinción no paladar em zona de fronteira. Los alunos consomem arroz, frijoles, mientras, depende los migrantes de onde vienem, tem outros produtos que consomem. Hay uma integración. Los migrantes pouco a pouco estão dando identidade ao Peru. Antes os moradores escutavam mais a música brasileira e tinham influência brasileira na alimentação. A migração está ajudando para fortalecer a identidade peruana, os migrantes trazem los produtos por preços mais baixos e diminui o consumo dos produtos brasileiros (professor de origem andina, vive em Iñapari, idade: 30 anos. Entrevista cedida em julho de 2008, coletada por Célia Lucena).

As fronteiras culturais geram sentimentos de solidariedade entre os novos moradores. O discurso da sociedade envolvente organiza a exclusão por meio de conflitos, de violência, tentam impor às minorias o adormecimento de seus desejos, negando oportunidades. Força os sentimentos individuais e coletivos que formam as atitudes, modelam as condutas, geram a associação, convidam à união, constroem o grupo, formam a minoria (Koubi, 2001). A frustração da identificação cultural pode se traduzir em resignação, em revolta e resistência.

O sentimento de solidariedade tem então por objeto contribuir para manutenção da cultura diferente, para a conservação e para a preservação dos sinais distintos da minoria. Esses sinais são os traços por meio dos quais a minoria firma sua dessemelhança e sua dissimilitude em face dos comportamentos culturais da sociedade civil (Koubi, 2001: 535).

Nessa direção a frase: “nosotros, gente de fora, unidos podemos vencer”, proferida por um comerciante serrano ao falar sobre os objetivos das associações existentes em Iñapari e dos caminhos encontrados para se fortalecer e serem reconhecidos. Revela um sentimento de solidariedade, tendo em vista a preservação dos sinais distintos de sua cultura de origem. Assim, vão criando estratégias para se inserir nas programações da localidade, pouco a pouco vão ocupando espaço participando de atividades da municipalidade, das programações realizadas pelas escolas e eles próprios, por sua vez por meio das associações, organizam seus festejos, re-inventam tradições e criam situações de convívio como forma de buscar integração.

3. As associações e os convívios de integração

Para vencer as inseguranças, incertezas e humilhações os atores conhecidos como os “de fora” ou migrantes se organizam em busca de fortalecimento e de caminhos que possibilitem a diminuição de tensões e conflitos. Assim, os serranos utilizam como estratégias e contornos culturais, a organização de associações e aproveitam dos aniversários das associações (comercial, de moradores, da agricultura), e ainda dos aniversários pessoais para partilhar da comida de seu lugar de origem como forma de integração com os amazônicos (velhos moradores).

O sentimento de pertencimento não é um sentimento partilhado ao sentimento de solidariedade, são inevitavelmente opostos quando a noção de identidade interfere, o que existe são estratégias identitárias. O pertencimento a um grupo não é decidido pelo indivíduo, ele se constata. Ligada ao pertencimento a identidade revela um consentimento de ser uma coisa ou

outra. O sentimento de solidariedade traduz o desejo do grupo de afirmar sua força contra o poder e o sentimento de pertencimento é uma tática diante das manipulações. O sentimento de pertencimento é constitutivo de exclusão e a noção de identidade fica impregnada disso. A solidariedade é um instrumento que reforça as estratégias identitárias, é um meio de manter o laço entre os indivíduos, “é uma técnica que permite consolidar a proximidade, o relacionamento entre os indivíduos; é um procedimento que homologa o pertencimento” (Koubi, 2001).

Os andinos assim que chegaram vem sofrendo discriminação, o migrante carrega o estigma do preconceito social, para enfrentar a intolerância utilizam como tática a linguagem de partilhar alimentos, exibir suas danças e músicas, com intuito de mostrar sua pertença para buscar reconhecimento. As refeições, festas e celebrações em datas fixas era um dos meios de comunicação não verbal da Idade Média. A refeição era um dos sinais que permitiam dar a conhecer decisões, inovações e mudanças; aqueles que davam tais sinais comprometiam-se a pôr em prática aquilo que haviam se proposto. A refeição era organizada em diversas ocasiões: quando os indivíduos selavam paz, nas celebrações particulares (batismo, casamento, investidura) exigia que as relações fossem reforçadas por um comportamento adequado. A refeição era utilizada como sinal ou reconhecimento de um laço social.

Na alta Idade Média abundam as referências a refeições e banquetes no âmbito da amizade ou das relações associativas. Até por volta dos últimos séculos da época medieval, quando as pessoas selavam relações semelhantes às do tipo familiar concediam aos membros dessas associações direitos e deveres iguais aos praticados nos grupos familiares, organizava-se uma refeição solene para celebrar essa ligação. Na vida posterior do grupo o banquete tornava-se uma instituição permanente e realizava-se a intervalos regulares (Althoff, 1998: 301).

A refeição realizada no âmbito das relações associativas com intuito de integração social remonta uma tradição bem antiga. Os *convivia* (festas com

banquetes)³ oferecidos na Idade Média permitiam pacificar eventuais conflitos entre membros dos grupos das associações e afogar no álcool as questões de reparações e ofensas. Os convivia se prolongavam até por oito dias seguidos de comilanças e bebedeiras, as refeições e banquetes funcionam como rituais criadores de confiança no momento que se firmava a aliança. Os convivia se caracterizavam pela abundância de comidas e bebidas, por uma duração excepcional e pelos divertimentos mundanos que contribuíam para criar segurança e solidariedade. Certamente as regras estabelecidas pelos convivia em Iñapari tem um valor simbólico, o importante para os “serranos” é mostrar sua identidade, seus modos de vida. Assim, compartilhar o comer e o beber com pessoas da localidade, pessoas comuns e autoridades, significa reconhecer compromissos publicamente, reforçar laços, e conquistar clima de cumplicidade com intuito de reduzir preconceitos e estereótipos construídos sobre seus costumes regionais.

Sobre as obrigações de dar, receber e retribuir Mauss (1974: 108) enfatiza:

(...) a obrigação de convidar é inteiramente evidente quando é exercida de clã a clã ou de tribo a tribo. De fato, ela só tem sentido se estendida a pessoas de fora da família, do clã ou da fratria. É preciso convidar quem pode e quer ou vem assistir à festa, ao potlach.

Um comerciante descreve os aniversários da Associação de Comerciantes Contigo Peru e mostra a necessidade de convidar as pessoas de fora do grupo que compartilham um território conhecido, ou seja, pessoas de fora do clã:

Os aniversários da Associação são feitos na calçada, contratam um conjunto, convidam o alcaide e todas as autoridades. Servimos a comida e

³ Ver Gerd Althoff (1998) em seu artigo: Comer compromete: refeições, banquetes e festas. Trata-se de divertimentos medievais com que se esperava criar clima de confiança para quando dos *convivia* (festa com comida ou banquetes) marcar início de alianças ou perpetuar e reforçar laços já existentes.

cerveja. As festas ajudam na sociabilidade. As autoridades ficam pouco e a festa segue. A festa começa por volta das 10:00horas da manhã e vai até a noite. Quando é aniversário pessoal envia uma tarjetita e envia a todos. Serve comida, são reunião para atender amizades, para poder trabalhar com el pueblo (Membro da Associação de Comerciantes Contigo Peru, migrante andino, por volta de 50 anos de idade, entrevista cedida em julho de 2008, coletada por Célia Lucena).

Assim, as festas inventadas pelos migrantes propõem reduzir as tensões e disputas em torno de seu reconhecimento e integração. Assim, as inventivas do grupo têm em vista ampliar seus limites e fronteiras. Os “serranos” instalados recentemente na fronteira reconstituem a identidade andina pela prática de uma sociabilidade que se articula em torno dos costumes culinários, da partilha festiva das especiarias trazidas da terra por aquele que acaba de chegar. Assim, mediante conflitos as cozinhas regionais serranas foram instaladas na fronteira, permitindo os novos moradores reatar suas ligações regionais, com o prato e os condimentos consagrados pela lembrança. Entre as múltiplas associações e círculos de homens organizados buscam formas de se inserir no novo contexto, para tal circunscrevem as novas formas de sociabilidade, o movimento associativo favorece a constituição de pequenos grupos que tenham por vocação manter as tradições festivas e culinárias regionais.

Na mesma perspectiva caminham os migrantes serranos que se dedicam à agricultura, se organizam em torno da *Asociación Nuevo Paraíso* para tentar resolver os problemas mais imediatos, tais como: formas para solicitar apoio ao governo peruano, discutir questões sobre o caminho vicinal e

outras dificuldades mais que vão surgindo no dia-a-dia. Há dois anos introduziram o costume de celebrar o aniversário da Associação com festa, e sempre uma festa com a dinâmica da comida do lugar de origem, tendo em vista estabelecer vínculos de sociabilidade. Para a comemoração fazem convites a todos os vizinhos, migrantes e nativos, sem se esquecer daqueles que demonstram preconceito ou discriminação com relação aos novos agricultores. Para um sócio da Associação é importante convidar a todos “pois temos que demonstrar que somos iguais a eles”.

Migrou ainda da serra para a região amazônica a celebração da *yunza* festejo que vêm sendo realizado nos últimos anos, sempre no domingo de carnaval. Em Iñapari la fiesta del carnaval termina con la tradicional "yunza", "úmisha" o "tumba monte" como se le conoce hoy a la fiesta popular que consiste en plantar artificialmente un árbol cargado de regalos, en torno al cual se baila hasta tumbarlo con los cortes de un machete o hacha (Mauricio, 2008)⁴. A manifestação denominada *yunza* é uma festividade do departamento de Junin. O departamento de Junin, juntamente com o de Pasco, constitui a região central andina do território peruano. As Cordilheiras Central e Ocidental atravessam seu território; tem montanhas e floresta. A sua capital é a cidade de Huancayo, localizada cerca de 3271 metros de altitude, localizado no Vale do Mantaro ea margem esquerda do rio do mesmo nome. Outras cidades importantes são Jauja, Concepcion, La Oroya, Tarma, Satipo e Chanchamayo. Um dos organizadores da *yunza* ao dar explicações à prática de natureza simbólica que migrou do Vale do Mantaro para a fronteira expressa seu desejo em dar continuidade ao passado histórico apropriado:

É um folclore latino, é uma combinación de costumes espanhóis com indígenas. A festa é a mesma de los Carnavales da zona do Vale de Mantaro, região que é selva cercada de serra. Dessa zona Huancayo, Junin, Ayacucho,

⁴ Ver em Mauricio (2008) sobre *yunza* a tradicional festa de carnaval da região do Vale do Mantaro.

Huanuco são os sítios que mantém o costume. Os mesmos costumes são a comida que oferecemos: pachamanca, puchero, pucaucho e cordeiro (migrante da Região de Huancayo, vive em Iñapari, presidente da Associação Comercial, por volta de 55 anos de idade, entrevista realizada em julho de 2008 por Célia Lucena) .

A festa é uma atividade que inicia pela manhã e se prolonga pelo dia todo. O alferado responsável pela organização do festejo organiza uma comissão organizadora para recolher os objetos que serão fixados na árvore. Os casais dançam ao redor e cada experimeta derrubar a árvore com marretadas. O casal que vence recebe a responsabilidade de dar continuidade ao festejo no ano seguinte. O festejo é uma tradição inventada, forma de inserir a cultura que veio na bagagem dos migrantes serranos. Nessa ocasião iñaparinos participam vestidos de indígenas e os cusquenhos com roupas andinas, oportunidade de socializar os regionalismos e partilhar a culinária da serra. Comem *puchero* ou *pachamanca* e apontam o “alferado” (festeiro)⁵ da festa do ano seguinte, com intuito de garantir continuidade da “tradição inventada”.

Por tradição inventada se entende um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente; uma continuidade com relação ao passado (Hobsbawn e Ranger, 1984: 9).

⁵ O alferado em quechua é carguhoc; é a pessoa responsável pela organização do festejo do ano seguinte.

Em estudos sobre migrantes é comum a festa migrar e sua manutenção é de natureza simbólica, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. Segundo um serrano, organizador do festejo: foi importante trazer o festejo, pois os lñaparininos só ouviam música brasileira no carnaval. Pachamanca é uma mistura de carnes de cordeiro, boi, galinha, enfim, todas as carnes. É assada debaixo da terra. É um prato típico da serra central. Cava-se um buraco no solo, aquece as pedras, faz um forno. Coloca-se as carnes para assar, depois cobre com uma manta e por último coloca-se terra. É servida acompanhada de batatas assadas, vagem, banana madura.

O peruano migrante comemora seu cumpleaños, convidando grupos de amigos. Os convidados são em torno de trinta a cinqüenta pessoas. Os convidados levam a bebida e o aniversariante se responsabiliza pela comida. A construção da identidade dos “serranos” está relacionada com a possibilidade de integração. Por meio da comida e de festejos públicos e privados buscam inserção e laços de amizade.

A maneira de cozinhar e os hábitos de servir os alimentos são indicadores de uma adesão aos costumes regionais. Toda prática alimentar depende de uma rede de pulsões: quanto aos odores, cores e formas, também quanto ao tipo de consistência. O alimento escolhido, permitido e preferido é o lugar do empilhamento silencioso de toda a estratificação de ordens e contra-ordens que dependem ao mesmo tempo de uma etno-história, de uma economia regional, de uma invenção cultural, de memórias e de identidades pessoais (Lucena, 2006).

Um comerciante migrante se expressa sobre os significados da comida e das festas de aniversário:

Existe uma espécie de demonstração da própria comida e também para vender, demonstrar com fins comerciais. Vendem a comida e vendem os temperos que chegam por transporte da serra. Os pratos dependem dos segredos dos condimentos. As festas de

aniversário são um ponto de encontro. No meu aniversário eu tenho sempre *la cumbia y la salsa y papa la hancaina*⁶ e *carapulcra*⁷ (comerciante de Iñapari, por volta de 50 anos de idade, entrevista realizada em julho de 2008 por Célia Lucena).

Dessa maneira, integração cultural na fronteira significa pluralidade e manutenção de singularidades e de regionalismos. A abertura da fronteira vem de mãos dadas com novas formas de discriminação e de integração. No caso do migrante “sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira efeitos imprevistos” (Certeau, 1994: 93).

A investigação em região fronteira vem se dedicando às práticas do espaço, às maneiras de usarem os lugares, aos mil modos dos grupos lidarem com a inserção. É fundamental conhecer as relações estabelecidas entre as pessoas, para que seja possível apreender os significados que as identidades assumem em contexto migratório.

Na fronteira os migrantes procuram se fortalecer por meio de associações e da promoção de festas como forma de serem reconhecidos. Aproveitam dessas situações para divulgar sua música e seus pratos regionais, procuram estabelecer laços com intuito de vencer os preconceitos encontrados. Ao se inserir tentam introduzir seus costumes e valores, seus símbolos são instrumentos de comunicação e de integração. As práticas funcionam em cada sociedade como sistemas simbólicos. O andino que se transferiu para fronteira enfrenta fortes fronteiras culturais, mas na condição de migrante introduz novas práticas e aos pouco vai conseguindo inserir novos costumes no lugar hospedeiro.

⁶ Papa la Hancaina: coloca-se pão ou bolachas no liquidificador com leite em pó, acrescenta uma mistura de óleo, pimenta amarela, cebola frita previamente e queijo em pedaços. Depois de batido no liquidificador, é servido em prato enfeitado com alface, ovo cozido e azeitona. É um prato frio, servido de entrada.

⁷Carapulcra é um prato feito com batatas secas e uma diversidade de carnes: vaca, frango, etc

O aumento dos fluxos populacionais em região fronteiriça cria novas dinâmicas aos territórios, provocando integração, peculiaridades e contradições. As diferentes mobilidades populacionais configuram nesse sentido, objeto privilegiado na análise das desigualdades regionais crescentes em diferentes cantos dos países sul-americanos, desigualdades essas que ocorrem num contexto de globalização das relações econômicas.

Referências bibliográficas

ALTHOFF, G. (1998) Comer compromete: refeições, banquetes e festas, in MONTANARI, M. e FLANDRIN, J-L. *História da alimentação*, São Paulo: Estação Liberdade.

CERTEAU, M. de (1994) *A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer*, Petrópolis: Vozes.

HOBBSBAWN, E. e RANGER, T. (1984) *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KOUBI, G. (2001) Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias, in BRESCIANI, S. e NAXARA, M. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP.

LUCENA, C. T. (2006) Comida e sociabilidade em festejo sul-mineiro, in *Polifonia* n° 11: Cuiabá, MT: EduFMT.

MAURICIO, N. O. (2008) Empezaron los carnavales, in *Desdel campus*. Boletim semanal elaborado por la Dirección de Comunicación vol. 5, n° 300. Trabalho disponible no site: [http://www. dircon.udep.edu.pe/](http://www.dircon.udep.edu.pe/) boletim. Acessado em 17 set. 2008.

MAUSS, M. (1974) *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: EPU/EDUSP. Vol. 2.

PESAVENTO, S. J. (2002) Além fronteiras, in MARTINS, M. H. *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai e Argentina*, São Paulo: Ateliê Editorial.

SASSEN, S. (1998) *As cidades na economia mundial*, São Paulo: Studio Nobel.

ZAVALA, V. e ZARIQUIEY R. (2008) Peru: “Eu te discrimino porque a falta de educação me ofende”, in DIJK, T. A. *Racismo e discurso na América Latina*, São Paulo: Contexto.